

# DST

## Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis

Volume 27, Suplemento 1; 2015

[www.dst.uff.br](http://www.dst.uff.br)

*Brazilian Journal of Sexually Transmitted Diseases*



**X Congresso da Sociedade Brasileira  
de Doenças Sexualmente Transmissíveis  
VI Congresso Brasileiro de Aids**

**JBSTD**

26 anos publicando  
conhecimento científico  
novo e de qualidade.

Órgão Oficial da Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis

Órgão Oficial da Associação Latino-Americana e Caribenha para o Controle das DST

Órgão Oficial para a América Latina da União Internacional Contra Infecções de Transmissão Sexual

Órgão Oficial do Setor de Doenças Sexualmente Transmissíveis / MIP / CMB / Universidade Federal Fluminense



Também criamos um blog de atualidades sobre DST/AIDS que vem gerando pauta para a mídia local. A divulgação ocorre gratuitamente nas emissoras de rádio e televisão e nos jornais. **Resultados:** Os diversos órgãos de comunicação passaram a divulgar as datas associando-as ao tema DST/AIDS. Durante o ano, são 17 datas destacadas pela mídia de Sergipe, enquanto, no âmbito nacional, são apenas duas datas destacadas. Semanalmente, a divulgação dos temas vem gerando reportagens interessantes na mídia sergipana. Algumas das notícias se tornaram matérias em rede nacional. **Conclusão:** Colocar na pauta dos meios de comunicação de massa o tema DST/AIDS o ano todo gera várias reportagens informativas. A mídia é uma grande aliada na luta contra a AIDS e as outras DST.

#### PREVENÇÃO OU EXPERIÊNCIA EM SERVIÇOS/P309

##### COMPORTAMENTO DE ALTO RISCO ENTRE PARCEIRIAS SORODISCORDANTES IDENTIFICADAS NOS CENTROS DE TESTAGEM E ACONSELHAMENTO PARA HIV NO SUL DO BRASIL

MACHLINE PAIM PAGANELLA, CHRISTOPHER D. PILCHER, CLÁUDIA A. BISOL, SNIGDHA VALLABHANANI, LEONARDO R. DA MOTTA, SÉRGIO K. KATO, ROSA DEA SPERHACKE, ESPER G. KALLÁS, FREDERICK M. HECHT, RICARDO S. DIAZ

LABORATÓRIO DE PESQUISA EM HIV/AIDS, UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – CAXIAS DO SUL (RS), BRASIL. UNIVERSITY OF CALIFORNIA SAN FRANCISCO – SAN FRANCISCO, EUA. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PORTO ALEGRE (RS), BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – PORTO ALEGRE (RS), BRASIL. INSTITUTO DE MEDICINA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – SÃO PAULO (SP), BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO – SÃO PAULO (SP), BRASIL.

**Introdução:** As estratégias de prevenção da transmissão da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) em casais sorodiscordantes geralmente são voltadas para as pessoas HIV positivas, não havendo consenso sobre a abordagem das parcerias soronegativas. **Objetivo:** Identificar e quantificar a ocorrência de comportamentos de risco em pessoas HIV negativas com parceria HIV positiva fixa. **Métodos:** Examinamos a frequência com que os participantes de um estudo transversal relataram ter parceria HIV positiva no formulário padrão do serviço e/ou no questionário do estudo. Avaliamos comportamentos de risco e novos diagnósticos de infecção pelo HIV em pacientes “potencialmente sorodiscordantes” em comparação com os outros pacientes na população em geral. O diagnóstico de HIV foi realizado seguindo o algoritmo de testagem padrão. O teste BED EIA HIV-1 (Calypate Biomedical, Portland, OR; Odn cutoff=0,8) foi utilizado para classificar pessoas recentemente infectadas pelo HIV. **Resultados:** Entre os 3.100 pacientes com nenhum teste reagente para HIV anterior, 490 (15,8%) relataram estar em um relacionamento fixo com uma pessoa HIV positiva. Esta proporção foi semelhante tanto para homens que fazem sexo com homens (HSH) como em heterossexuais. Menos da metade dos participantes reportou ter usado o preservativo durante o último ato sexual com o parceiro HIV positivo. Apenas um quarto dos homens heterossexuais e um terço dos HSH e mulheres reportaram o uso consistente de preservativos com seu parceiro no último ano. Os principais motivos para não usar preservativo com o parceiro fixo foram: “confia no parceiro” (31,7%), seguido de “não gosta” (15,1%) e “parceiro não aceita” (8,9%). Foram diagnosticadas novas infecções pelo HIV em 23% do grupo de pacientes potencialmente discordantes (*versus* 13% na população geral;  $p=0,01$ ). Participantes com uso inconsistente de preservativos com parceiro fixo apresentaram uma chance 4 vezes maior de ter resultado positivo para HIV, quando comparados com aqueles que reportaram sempre usar preservativos com o parceiro fixo (OR=4,2; IC95% 2,3–7,5). Houve uma maior adesão à utilização de preservativos com parcerias casuais no último ato sexual, variando de 58,5% (homens heterossexuais) a 75% (HSH e mulheres). **Conclusão:** Parcerias sorodiscordantes fixas, com elevado risco de transmissão do HIV, podem ser identificadas no momento da testagem e do aconselhamento. O acesso a essa população é fundamental para a implantação de estratégias de prevenção em localidades com alta incidência de HIV.

#### PREVENÇÃO OU EXPERIÊNCIA EM SERVIÇOS/P310

##### COMUNICAÇÃO VIRTUAL NO FORTALECIMENTO DE VÍNCULO AO SERVIÇO

MENCARELLI VL, BOTTER J

AMBULATÓRIO DE REFERÊNCIA PARA MOLÉSTIAS INFECCIOSAS DE SANTO ANDRÉ – SANTO ANDRÉ (SP), BRASIL.

A adolescência é reconhecida por recortes epistemológicos teorizadores de seus eventos biopsicossociais, como período complexo, com importantes transformações rumo à maturidade. Elementos organizadores do psiquismo encontraram regulação, determinando a personalidade ao final do processo. Inúmeras tarefas se dão, como a consolidação da identidade de gênero, escolhas vocacionais, posicionamento no tecido social, etc. Nosso

trabalho com crianças diagnosticadas com vírus da imunodeficiência humana positivo (HIV+) por transmissão vertical nos ensinou que a integração da soropositividade como elemento do *self* constitui-se tarefa onerosa ao trabalho de adolescer, criando desafios para famílias e profissionais. Segundo a Psicanálise Winnicottiana, o adolescente apresenta tendência natural ao recolhimento, protegendo-se contra o que pode sentir como violação do *self*. Em concordância com tal consideração, observamos o distanciamento daqueles que adolesceram sob nossa tutela. Crianças que receberam revelação diagnóstica, cuidados e orientação em contexto psicoterapêutico com forte vinculação com os profissionais tornaram-se refratários na adolescência. Resolvemos, então, alcançá-los de outra maneira. Atendendo ao contraditório pedido de alguns, constituímos página específica em rede social virtual, o *Facebook*, que em 2 anos de funcionamento adicionou 17 jovens, número correspondente a aproximadamente 45% dos adolescentes matriculados em nosso serviço, e 4 cuidadores. Toda e qualquer abordagem de nossa iniciativa ou resposta ao jovem se dá no recurso *inbox*, preservando seu sigilo, enquanto notícias e oportunidades podem figurar nas publicações. A prática no uso desse recurso virtual pelos jovens possibilita o acesso a informações partilhadas espontaneamente, permitindo o acompanhamento, à distância, de seu desenvolvimento. Visitamos a página, ao menos, três vezes por semana, oportunizando responder questões, efetivar orientações, trabalhar adesão e fazer intervenções *online*. Forjou-se, assim, novo *fórum* para trocas intersubjetivas entre os jovens e os profissionais, com o objetivo de manutenção e preservação de vínculo que possa ser usado quando demandado, de acordo com o ritmo de cada um. O vínculo nutrido pode garantir a reconstrução de encontros psicoterapêuticos presenciais pontuais ou processuais, quando solicitados. Notificamos o quão profícuo tem sido tal empreendimento na assistência psicológica aos adolescentes.

#### PREVENÇÃO OU EXPERIÊNCIA EM SERVIÇOS/P311

##### COMUNIDADES VIRTUAIS DE HPV NO FACEBOOK® E O PERFIL DE SEUS PARTICIPANTES: NOVAS POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DO CUIDADO

PATRICIA LIMA RODRIGUES DE GOIS, LAYLA CRISTINA DIAS GUIMARÃES, MARCOS ANTÔNIO GOMES BRANDÃO, MAURO ROMERO LEAL PASSOS, HERCÍLLA REGINA DO AMARAL MONTENEGRO, RAQUEL ALEGRE BELINHO, JAQUELINE SANTOS DE ANDRADE MARTINS, DENNIS DE CARVALHO FERREIRA

FACULDADE DE FARMÁCIA, CENTRO UNIVERSITÁRIO ABEU – BELFORD ROXO (RJ), BRASIL. ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – RIO DE JANEIRO (RJ), BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – NITERÓI (RJ), BRASIL. FACULDADE DE ENFERMAGEM, CENTRO UNIVERSITÁRIO ABEU – BELFORD ROXO (RJ), BRASIL. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA, UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA – RIO DE JANEIRO (RJ), BRASIL.

**Introdução:** A busca por informação tem na internet uma forte aliada, mas informações não adequadas podem ser descritas e utilizadas. Nesse contexto, as redes sociais possuem elevado número de usuários que as utilizam na busca por informação, pois possuem comunidades destinadas à transmissão de conhecimento. **Objetivo:** Classificar os tipos de comunidades virtuais sobre o vírus do papiloma humano (HPV) disponíveis no *Facebook*® e identificar o perfil dos participantes dessas comunidades virtuais. **Métodos:** Pesquisa exploratória, quantitativa, utilizando como fonte de coleta de dados comunidades disponíveis no *Facebook*®. Os descritores foram palavras indexadas no Mesh: “HPV”, “câncer de colo de útero” e “vacina contra HPV”. A seleção das comunidades e dos participantes das comunidades obedeceu aos critérios de inclusão e exclusão. As comunidades identificadas tinham um total de 11.864 seguidores, sendo que somente 103 identidades virtuais foram consideradas como participantes, ou seja, aqueles que expressavam algum tipo de comunicação nas comunidades. Foram avaliados: idade, sexo, estado civil, religião, cidade/estado, profissão, interesses de relacionamento, interesse pela busca da página, se portador ou não de HPV. **Resultados:** Das 9 comunidades, observou-se que 4 foram classificadas como comunidades de informação geral, 2, de informação para mulheres, 1, de informação para adolescentes, 1, comunidade direcionada à campanha de um grupo escolar, e 1, voltada para campanha virtual. Dessas, 4 foram criadas por usuários dos Estados Unidos, 3, do Brasil, 1, da Grécia, e 1 estava sem identificação. O perfil dos participantes: 87% eram do sexo feminino, 54% informaram suas profissões, porém os participantes não eram da área de saúde. Um total de 49,5% declarou-se infectado pelo HPV; cerca de 34% desses eram dos Estados Unidos, e 8%, do Brasil. **Conclusão:** A maior frequência para o sexo feminino pode estar relacionada à procura e à “cultura” das mulheres de buscarem o atendimento médico e acompanhamento por meio de consultas ginecológicas. A maior parte das informações publicadas possui coerência científica e serve de ajuda para os seguidores. O estudo mostra como é importante a divulgação de dados corretos acerca do HPV e salienta a necessidade da participação de profissionais de saúde nessas comunidades para avaliar a “veracidade” das informações, visto que nenhum participante se declarou profissional de saúde.